



RESENHA

Um sabiá exilado na literatura infantil contemporânea produzida em Mato Grosso

MATTOS, Aclyse. *Sabiapoca: ou canção de exílio sem sair de casa*. Cuiabá: Tanta Tinta, 2018.

Rosana Rodrigues da Silva¹
Universidade do Estado de Mato Grosso

Sabiapoca: ou canção de exílio sem sair de casa é o mais recente livro voltado para crianças do autor Aclyse Mattos. Publicada pela editora *Tanta Tinta*, em 2018, em forma de poema narrativo, a obra apresenta a história do Sabiapoca, um passarinho que se viu obrigado pelo desmatamento a aventurar-se pela cidade. A leitura dessa história leva-nos a acompanhar o percurso do sabiá que vivia em harmonia com a natureza nas páginas iniciais, mas que passa a uma situação de conflito, gerado pelo estranhamento de seu *habitat*, tornando-se um passarinho exilado, sem sair de casa, conforme é anunciado no subtítulo.

A referência direta ao famoso poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, ao mesmo tempo em que nos faz aproximar, pelo viés comparativo, a história de Sabiapocaa do sabiá romântico, também nos leva a compreender a crítica presente na ironia dessa comparação. Se, no poema romântico, a terra é sentida de modo saudosista pelo sujeito poético que se encontra distante, no poema de Mattos, o eu poético irá expressar a tristeza do sabiá que se sente exilado em seu próprio meio, transformado pela ação destruidora do homem. A escolha do pássaro, portanto, reflete a percepção do

¹Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT/SINOP com atuação no Curso de Letras e nos Programas de Mestrado: PROFLETRAS e PPGLETRAS. E-mail: rosana.silva@unemat.br

poeta enquanto um cantor, um sabiá engajado, que deseja apresentar à criança a temática do desmatamento, mas que deseja também aproximar-se de seu leitor.

É válido lembrar que todo passarinho remete à infância. Bastante representado na literatura para crianças, a imagem do pássaro é aceita com naturalidade por “evocar a pequenez infantil”, conforme lembra Maria da Glória Bordini, em obra que estuda a poesia para infância (1986, p. 65). O poeta, recorrendo à figura do sabiá, torna-se mais próximo da criança leitora, com características que lhe são próprias como a ingenuidade, a graça e o humor.

O sabiá, considerado um símbolo nacional, é um dos pássaros mais conhecidos em todo o país. Também expressão de liberdade e ascensão, o pássaro tem seu simbolismo invertido no poema, uma vez que Sabiapoca é aprisionado pela paisagem urbana, de onde não poderá ascender. Assim invertido, o sabiá, cantor saudoso da beleza da terra, torna-se o emblema das consequências do progresso e da voz engajada do poeta que alerta para a poluição urbana, o desmatamento e a consequente perda da beleza das matas. A paisagem natural, de folhas, galhos e flores, no percurso do sabiá se transforma em um feio cenário urbano de postes, fios, plásticos, pregos, piches e tampinhas de refrigerantes.

A ilustração de Barbara Portela, em coerência com o passarinho feliz no início da história, apresenta o verde predominante nas páginas iniciais, com o sabiá cantando e se movimentando, com gestos que marcam o ritmo de dança. Para antecipar a situação de conflito que seguirá na história e, com isso, preparar o leitor; a ilustração do céu azul das páginas anteriores é trocada por um azul escurecido que remete à escuridão do definhamento da mata, anunciado pelo poeta: “Sabiapoca, após passar um tempo, viu definhar a mata em que vivia,/doeu no seu peitinho um sentimento/ de ver que haver graveto não havia”. Na ilustração dessa passagem temos alguns relógios no ar flutuando ao lado de números e, ao centro, em destaque maior na página, um desenho de uma ampulheta, simbolizando o tempo que passa. Na página seguinte, o fundo acinzentado, com apenas alguns postes em evidência, traduz a paisagem urbana descrita, comprovando a coerência intersemiótica entre os textos visual e verbal.

Contudo, mesmo diante dessa paisagem entristecida, o humor é garantido na aventura do passarinho, narrado em versos como: “Sabiapoca, invés de ramo, um poste; Sabiapoca, invés de ninho, um traste/ feito de lata e plástico e epóxi./ Sabiázinha até botou botox”. A imagem narrada no verso provoca o humor ao se considerar a possibilidade da personificação e modernização dos bichos, graças ao animismo e a

fantasia que caracterizam fases do desenvolvimento infantil. A ilustração colabora para a cena humorística, ao apresentar em destaque na página duas pássaras personificadas com colares, bolsas, óculos de sol, passeando pela cidade, próximas à biblioteca que leva o nome do poeta Manoel de Barros.

Configura-se, nesse momento, outra intertextualidade importante para entendermos o exílio e o engajamento do passarinho. O diálogo com Gonçalves Dias recuperou a imagem do poeta cantor e idealista, tal como Sabiapoca, que vivia feliz, cantando sua natureza. Já no diálogo com o poeta Manoel de Barros, temos a imagem do poeta destituído de sentimentalismos, antecipando a forma como entenderemos nosso personagem ao final do poema. Os dois intertextos possibilitam contrapor o sabiá romântico ao sabiá moderno. Esse último é um *sabiá com trevas*, conforme sugere o título do poema de Barros, publicado em *Arranjos para assobio* (1998). É com esse sabiá destituído de encantos, um cantor da inutilidade do poema e da dessacralização da poesia que o poeta irá se identificar: “Manoel já disse um sabiá com trevas/Meu sabiá também não tem nem trevos;/ tem entreveros com a cidade entrave,/ como é possível sabiá com trovas”. O canto deixou de ser possível para o Sabiapoca que já “não canta mais, cansou de bater asas”; tornou-se um sabiá com trevas.

Contudo se o canto não é possível ao sabiá, para o poeta resta a possibilidade de encantar pela palavra, pelo gracejo do verso rimado e da aliteração que propicia o jogo na leitura em voz alta: “E assim voando vai o sabiá-bem-poca/ abrindo a boca, o bico, à beça,/ leva no voo alguma velha peça/do ferro-velho para encher a pança”. Com esse recurso estilístico, a criança poderá experimentar a sonoridade que sugerem as palavras e divertir-se com a imagem de um bicho aventureiro que tenta sobreviver na cidade.

O humor na poesia para crianças pode ser estudado, segundo Leo Cunha (2005), tanto pela imagem nascida do jogo das ideias ou da reinvenção do cotidiano, como também pelo jogo das palavras. A criança brinca com as palavras de modo natural; acha graça no som emitido ao pronunciá-las; diverte-se com rimas e gosta de experimentar diferentes formas de pronunciar os sons. Por isso, “não é à toa que trava-línguas, parlendas e outros jogos da tradição oral são tão populares entre os pequenos de todas as partes do mundo” (CUNHA, 2005, p. 82).

A possibilidade da brincadeira com a imitação sonora no poema, presente desde o nome Sabiapoca, colabora para a imagem do lúdico que garante o atrativo para o leitor mirim. O trabalho com a sonoridade, juntamente com o jogo da imagem, constitui uma tendência marcante da poesia contemporânea para crianças. A rima *nonsense*, a

parlenda, o trava-línguas, a harmonia imitativa, já presentes na poesia de alguns dos nossos melhores poetas modernos (como na obra de Vinícius de Moraes ou de Cecília Meireles), destacaram-se e caracterizaram a poesia dos contemporâneos (como José Paulo Paes e Elias José), comprovando a preferência da criança pela leitura que convida ao jogo.

No estudo da poesia infantil, Luís Camargo destaca os paradigmas que marcam o desenvolvimento do gênero na literatura brasileira. De início, temos o paradigma moral e cívico com poemas em que uma voz poética adulta se dirige a um leitor infantil, tendo o poema como um instrumento de educação moral”. Com Sidônio Muralha (1920-1982), ocorreu a ruptura com esse paradigma, a partir da publicação do livro *A televisão da bicharada* (1962), e teve início o paradigma estético que privilegia o trabalho com a linguagem, do qual são exemplares a poesia infantil de Cecília Meireles e de Vinícius de Moraes. Na poesia contemporânea, é o paradigma lúdico que o autor considera mais presente na produção dos últimos 15 anos. Marcado pelo ludismo sonoro e pelo humor, esse paradigma fica, conforme assinala Camargo, “sintetizado nos versos ‘Poesia/é brincar com palavras’, de José Paulo Paes, ou na afirmação de Maria da Glória Bordini de que ‘poesia é brinquedo de criança’, que intitula o primeiro capítulo do seu livro, *Poesia infantil*” (2000, p. 03).

Na esteira do paradigma lúdico, a poesia de Sabiapoca não abandona o humor na história do passarinho, fazendo do atrativo do jogo um item marcadamente necessário para o encantamento do leitor. Sem com isso abandonar o trabalho estético, o autor dá sequência ao trabalho com ritmo e imagem que marca seu estilo, presenciado em poemas das obras destinados ao público adulto: *Assalto à mão amada* (1985), *Quem muito olha a lua fica louco* (2000) e *Festa* (2012). São obras em que, pela experimentação, Mattos demonstra domínio da linguagem poética, enquanto um elemento a ser manejado no poema; desenvolvendo uma linguagem que estimula o leitor a refletir sobre sua composição.

O trabalho com as palavras e, por conseguinte, com os diferentes níveis do poema garantem o lúdico, confirmado também pela ilustração. Conforme explica Bordini, “a poesia infantil genuína é indistinguível da poesia não-adjetivada, salvo, talvez, em termos temáticos” (1986, p. 13). Na poesia de Mattos, o adjetivo infantil se faz presente na escolha temática e na escolha lexical, como também no empenho educativo presente na forma como busca alertar a criança leitora. Contudo, o adjetivo se desfaz ao reconhecermos na construção do poema, principalmente no diálogo com

outros poetas, o estilo do autor que se mantém na produção infantil, garantindo a intertextualidade e o humor como caminhos possíveis para alcançar e manter o interesse da criança leitora. Assim, a temática ecológica ganha leveza na história do Sabiapoca, colaborando para que o leitor se identifique com o passarinho e compreenda a importância da preservação da natureza, mas sem deixar de se divertir com algumas cenas de humor vivenciadas por seu protagonista.

Referências:

- BARROS, M. de. *Arranjos para Assobio*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- BORDINI, M. da G. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- CAMARGO, Luís. *A poesia infantil no Brasil*. <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>. Acesso em março de 2018.
- CUNHA, Leo. *Poesia e humor para crianças*. IN: OLIVEIRA, Ieda de (org.). *O que é qualidade em Literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.
- MATTOS, Aclyse. *Sabiapoca: ou canção de exílio sem sair de casa*. Cuiabá: Tanta Tinta, 2018.